



O ensino de ciências na perspectiva do multiculturalismo e da interculturalidade

Rodolfo Faita Dias

Universidade Federal de São Carlos
rodolfofaitadias@gmail.com

Elaine Gomes Matheus Furlan

Universidade Federal de São Carlos
elainefurlan@ufscar.br

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma Dissertação de Mestrado onde se pesquisou acerca de conceitos ligados ao processo de Formação Continuada para a diversidade no ensino de Ciências. Seu foco é a discussão da apropriação da escola acerca da conceitualização da diversidade, sobretudo na figura dos professores de ciências da natureza e dos Professores Coordenadores Pedagógicos. Para a coleta de dados utilizaram-se roteiros de entrevistas semiestruturadas bem como aplicou-se a técnica do grupo focal, tornando possível que se evidenciassem as percepções e definições que têm sido construídas na escola em torno da diversidade, analisadas sob as lentes do multiculturalismo na perspectiva intercultural.

Palavras chave: diversidade, multiculturalismo, interculturalidade, ensino de ciências

Abstract

The present work is the result of a Master's Dissertation in which concepts related to the process of Continuing Education for diversity in Science teaching were researched. Its focus is the discussion of the appropriation of the school regarding the conceptualization of diversity, especially in the figure of natural science teachers and Pedagogical Coordinating Teachers. For data collection, semi-structured interview scripts were used, as well as the focus group technique, making it possible to highlight the perceptions and definitions that have been built in the school around diversity, analyzed under the lens of multiculturalism in the intercultural perspective.

Key words: diversity, multiculturalism, interculturality, science teaching

Introdução



Pensar sobre o conceito de diversidade envolve questões de variadas perspectivas e, nesse sentido, no contexto escolar destaca-se a necessidade de que o pertencimento efetivo seja uma realidade na escola (CANDAU, 2008). A autora avança nessa discussão propondo a reinvenção da educação escolar, defendendo uma escolarização que valorize, de fato, as demandas e as identidades daqueles que a compõem. Reflexões acerca da maneira como valoriza-se ou se desconsidera a trajetória e a experiência cultural dos alunos caminham no sentido de buscar por proposições escolares adequadas ao contexto onde as escolas se inserem, uma vez que a escola não é espaço neutro e que há intenção no ato de ensinar. A escola mostra-se como espaço fundamental para a problematização da diversidade, uma vez que nela convivem sujeitos com demandas e identidades próprias e plurais. Entretanto, para além do convívio é necessário que todos pertençam e se sintam pertencentes, de fato, à esta importante instituição social. Assim, suas proposições não devem engessar-se e se caracterizar como inflexíveis: é preciso haver dinamismo para que as especificidades dos alunos sejam impressas nas práticas escolares e nas atitudes dos profissionais que atuam neste espaço. Nesse sentido, ao realizarmos uma aproximação entre a educação para a diversidade, tanto de modo geral quanto no âmbito do ensino de ciências, as reflexões que envolvem o multiculturalismo permitem evidenciar as características das seguintes abordagens, discutidas por Candau (2008) ao longo dos últimos anos e explicitadas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Características das abordagens do multiculturalismo

MULTICULTURALISMO		
ASSIMILACIONISTA	DIFERENCIALISTA	INTERCULTURALISMO
Garante-se o acesso mas há pouca ou nenhuma preocupação com o pertencimento efetivo. Perspectiva de assimilação do diferente aos padrões hegemônicos.	Reconhecem-se as diferenças, mas estuturam-se pequenos grupos socioculturais, mantendo o contexto monocultural, mantendo grupos isolados.	Hibridização cultural através da (re)construção constante das culturas por meio de processos de inter-relação.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Candau (2008)

Neste trabalho, dedicamo-nos, pois, à discussão da perspectiva intercultural, por acreditarmos em seu potencial propositivo quando se trata da valorização das identidades. Ao refletirmos sobre os processos de hierarquização ainda hoje tão presentes na escola, compreendemos que a diferença é uma realidade no contexto deste importante espaço (CANDAU, 2008). A autora aponta, nesse sentido, alguns elementos considerados necessários quando se trata de práticas pedagógicas que se devem nortear o trabalho educativo: 1) **Reconhecimento das identidades culturais**: o (re)conhecimento de nossas raízes culturais é fundamental para que se construam ações educativas que valorizam as diferenças e especificidades da comunidade escolar; 2) **Combate ao daltonismo cultural**: todos os processos ligados à negação das diferenças e da pluralidade devem ser combatidos, com vistas ao combate de movimentos de padronização; 3) **Identificação de nossas representações dos “outros”**: nossas percepções sobre a sociedade costumam ser carregadas de ambiguidades e estereótipos: aqueles que entendemos apresentar um comportamento bom e desejável são incluídos na categoria “nós”, criada para representar tudo aquilo que buscamos. Os “outros”, segunda categoria, caracterizam-se por meio de aspectos ruins e indesejáveis.

Candau (2008) ressalta que tendemos a categorizar desta maneira: sujeitos que apresentam uma cultura semelhante à nossa e sujeitos que nos colocam em confronto com nossa maneira de nos situarmos no mundo. A autora avança nessa discussão, apontando que a diversidade pode ser projetada em um movimento de negação e silenciamento ou de integração e valorização, nesse sentido. Assim, podem surgir alguns questionamentos: O que é diferença? Quem é diferente? Quem é o outro? Quem somos nós? Como isso se apresenta nas instituições escolares? Ora, tratar das diferenças pode ser uma tarefa árdua, contudo, é preciso compreender de que maneiras representamos aqueles que têm trajetórias, escolhas e compreensões diferentes das nossas.



É na escola que as vivências e as experiências aparecem como cultura. Sabendo que existem alunos que se inserem nos mais variados contextos, podemos afirmar que haverá variadas culturas e formas de compreender o mundo, através de diferentes lentes. Logo, o (re)conhecimento da diversidade é fundamental para que as proposições educativas não caminhem no sentido de perpetuar as desigualdades que possam existir para além dos muros da escola. Candau (2008) defende que é necessário que compreendamos que a igualdade e a diferença não são conceitos definidos em oposição: diferença é antônimo de padronização, bem como igualdade é contrária à desigualdade. Logo, construir uma escola que valoriza as diferenças exige o rompimento com ações que se edificam nos pilares de uma perspectiva hegemônica. Segundo a autora, o ponto central deste processo é o movimento de articulação entre políticas de igualdade e de identidade.

[...] Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado “natural”. Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva destes processos. Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los constitui um exercício fundamental. (CANDAUI, 2008, p. 26).

Então, a equipe escolar precisa ser capaz de (re)conhecer os repertórios culturais da comunidade escolar e acima disso, de refletir sobre eles e valorizá-los. Logo, a proposta deste trabalho é apresentar algumas reflexões quanto às concepções que vêm sendo discutidas nas Unidades Escolares no que se refere à diversidade, pelos professores de Ciências da Natureza e pelos Professores Coordenadores Pedagógicos (PCPs) responsáveis pela coordenação pedagógica do Ensino Fundamental II.

Metodologia

Este trabalho é resultado do desdobramento de uma pesquisa de caráter qualitativo desenvolvida em uma Dissertação de Mestrado (DIAS, 2022) que utilizou-se de Lüdke e André (2012) para definir sua Metodologia. As autoras defendem que algumas pesquisas costumam buscar soluções para os problemas que emergem do processo de ensino e aprendizagem e trazem à tona cinco características principais de pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) que foram seguidas pelos pesquisadores e se desdobram também neste artigo, como parte da pesquisa mais ampla que nesse sentido, priorizaram o ambiente natural como fonte de dados para posterior análise e construção descritiva dos resultados, inclusive através da valorização do significado que os PCPs e professores são às suas trajetórias de vida.

Para Lüdke e André (2012, p. 34), a entrevista, escolhida como instrumento de coleta de dados da pesquisa que originou este trabalho “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” Realizou-se, portanto, um estudo piloto com um dos Professores Coordenadores Pedagógicos para aferir eficácia do instrumento. Assim, foi utilizado um roteiro para nortear as questões que foram indicadas para os sujeitos responderem, de modo a contemplar elementos acerca do trabalho na temática da diversidade que vem sendo desenvolvido no cotidiano escolar: o instrumento mostrou-se eficiente e os dados coletados foram validados, correspondendo às expectativas da coleta e da pesquisa. No contexto de impedimento de realização presencial em virtude da pandemia de COVID-19, este e os outros encontros foram realizados via GoogleMeet, com duração entre 30 minutos e 1 hora, aproximadamente, com data e horário acordados com os participantes, ou seja, professores atuantes



no ensino fundamental e na área de ciências da natureza, assim como PCPs, envolvendo 2 escolas. Optou-se pelas entrevistas semiestruturadas como estratégia de pesquisa tendo em vista as potencialidades da interação (LÜDKE; ANDRÉ, 2012) entre o pesquisador e os participantes, sobretudo por lançarmos mão de um roteiro semiestruturado e flexível. Considerando que algumas etapas propostas na metodologia da pesquisa dependiam de interação com seres humanos, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 40229120.6.0000.5504) e realizaram-se entrevistas semiestruturadas com professores de Ciências da Natureza e PCPs.

Além disso, os pesquisadores fizeram uso da técnica de grupo focal (GATTI, 2005), a fim de diversificar/flexibilizar e complementar formas de participação dos sujeitos, explorando as concepções e reflexões das coordenações pedagógicas, de forma remota, a partir do diálogo e das demandas que emergiram das análises do material referente às outras etapas da pesquisa, especialmente das entrevistas.

Assim, no conjunto foram entrevistados 3 professores de ciências da natureza, 4 professores substitutos da área de ciências da natureza e 3 Professores Coordenadores Pedagógicos. Buscando não identificar os sujeitos, usamos as siglas P1, P3 e P11 para professores de ciências da natureza; PS1, PS2, PS3, PS7 para professores substitutos da área de ciências da natureza e também PCP1, PCP2 e PCP5 para Professores Coordenadores Pedagógicos. As mesmas siglas foram mantidas nas análises do grupo focal.

Análises e construção dos resultados

Os sujeitos participantes da pesquisa que culminou neste trabalho foram questionados quantos as suas concepções acerca do conceito de diversidade. Ocorre que as "diferenças" foram citadas, sem grandes aprofundamentos, por alguns professores, conforme apontado no trecho a seguir:

(...) lidar com o diferente (...) todos somos diferentes (...) (P1). (...) diversidade são diferenças (...). (P11)

(...) a definição para mim de diversidade, é o diferente, né? Acho que a definição de tudo isso é diferente, é ser diferente, né? Mas, (...) e é isso que você tem que aprender a lidar. (PS1)

Os PCPs também evidenciaram reflexões sobre isso:

Todos nós somos diferentes, né? Essa que é a grande dificuldade, né? a convivência social, essa falta de respeito, né? A tolerância, eu acho que isso que está faltando. Eu vejo assim, que essa diversidade é uma construção social. Você vai construindo aos poucos principalmente dentro da escola. (PCP1)

Eu entendo diversidade como diferença (...) o melhor de tudo isso, para mim a diversidade é isso, é diferenças serem respeitadas e trabalhadas através da equidade. (PCP1)

Segundo Rios, Nuñez e Fernandez (2016, p. 104) “[...] o cotidiano escolar reflete e respira, hoje, as diferenças. É o lugar onde as diferenças coexistem de acordo com o pertencimento dos sujeitos a diversos grupos que assumem outras referências de saberes, valores e formação.” Assim, a diversidade na escola pública deve-se ao processo de democratização do ensino, que possibilitou o direito à educação para todos, ou seja, um avanço na história educacional brasileiro. Contudo, os professores mencionam desafios em trabalhar com diferentes ritmos de aprendizagem (LIMA, 2012).



Assim como aponta Gonçalves (2013), emerge deste trabalho a percepção de que a escola, ainda hoje, encontra desafios na superação de práticas que buscam a homogeneização. Esses aspectos estão presentes em vários estudos, tentando ampliar discussões, como, por exemplo, Candau (2008, p. 14) quando aponta que “Hoje, esta consciência do caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade de romper com esta e construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se façam cada vez mais presentes.”. Rosa-Silva, Júnior e Laburú (2010) corroboram, nesta perspectiva, e apontam que a articulação entre a escola e a cultura é fundamental para a promoção do respeito e da valorização da diversidade.

Os resultados deste trabalho revelam que não existe um consenso nas instituições escolares, acerca do entendimento da conceitualização da diversidade, fato que não favorece a estruturação de proposições individuais e coletivas que façam com que as individualidades sejam, de fato, valorizadas. No nosso estudo, aqui apresentado, três docentes e dois PCPs, buscaram ampliar a definição do termo, estabelecendo relações com a pluralidade presente nas escolas, parecendo se referir, ainda que indiretamente, à interculturalidade como proposta de trabalho favorável à valorização das múltiplas identidades.

A diversidade são todos, né? Um lugar onde todos, tem pessoas (...) que tem todo tipo de pensamento. Pensamentos diferentes (...), diferenças físicas, diferença no falar, no jeito de olhar, no jeito de acolher, no jeito de brincar então, acho que não é sua física todo tipo de diferença, né? Então, a gente tem que respeitar e tentar acolher, né? Eu acredito assim, uma coisa acolhedora, né? Que a pessoa se sinta segura, no ambiente seguro. Que ela possa fazer o trabalho dela, desenvolver o trabalho dela e deixar fluir, sabe? (PS2)

Então, é diversidade de cultura, diversidade de gênero, né? Nós temos aqui alunos de vários jeitos, maneiras de se comportar, de falar, então, até na sala de aula (...). (PCP2)

Eu entendo diversidade como diferença, tá, as diferenças estão e a diversidade é você ser, eu falo, equidade e não igualitária, tá, a diversidade para mim ela vem no sentido de você equilibrar a balança, tá, para aquele meu aluno que era analfabeto proporcionar a ele, entendeu, alfabetização para aquele aluno meu que é síndrome de Down eu, eu saber a, a potência dele e promover a ele o máximo que ele, o melhor de tudo isso, para mim a diversidade é isso, é diferenças serem respeitadas e trabalhadas através da equidade (...) você tem diferença de cor, diferença de peso, você tem diferenças de altura, você tem diferenças do andar, tudo mais, a diversidade ela vai existir porque nós somos miscigenados, né, e com isso nós vamos ter, mas a diferença, a diversidade. (PCP5)

A diversidade seria (...), é a variedade que a gente encontra. A variedade nas pessoas, né? Não são todos iguais, elas são diversos em tudo. Diversas nuances no modo de agir, diversos na cultura que elas têm. Diversas, na diversidade religiosa que elas acreditam e tudo isso tem que ter respeito. (PS3)

Diversidade? Diversidade são as diferenças, né? Todos nós somos diferentes, né? Quando a gente fala em diversidade, tem vários tipos de diversidade de gênero, diversidade das crianças com deficiências, diversidade do mundo da ciência. Nós trabalhamos vários tópicos das áreas da ciência. A diversidade abrange um grande leque, né? Falar em diversidade para gente, é uma abrangência bem grande. (PS7)



Os processos de ensino e aprendizagem precisam ter por intencionalidade processos de transformação positiva. Segundo Vilela-Ribeiro, Benite e Vilela (2013), evidenciam a importância de uma análise acerca do entendimento que se tem acerca da diversidade na escola. Desta maneira, em nossa concepção, evitam-se posturas reducionistas que possam prejudicar a oferta de equidade de oportunidades e de condições. Além disso, Schuchter e Carvalho (2016, p. 525) afirmam que “O sistema educativo ainda tem se apoiado na lógica das oposições binárias, colocando, de um lado, o desejável, o legítimo e, de outro, o ilegítimo, o indesejável. Assim, o outro é o necessitado como depositário de todos os males e portador das falhas sociais”. A pluralidade pode ser reduzida quando associada à inclusão e à aceitação, conforme demonstra Ferreira (2015, p. 306) ao afirmar que esse movimento reducionista “[...] contribui para manter aqueles que são chamados de ‘diferentes’ em um vácuo teórico-conceitual e, conseqüentemente, social.” Assim, é preciso articulação entre diferença e igualdade por meio de aspectos identitários, permitindo que todos se reconheçam.

A escola não se torna inclusiva somente por receber alunos com deficiências, síndromes e transtornos. Ela torna-se inclusiva a partir do momento em que ela reestrutura-se para atender a diversidade de alunos, com suas necessidades e dificuldades, propiciando um ensino de qualidade para todos (COVATTI; FISCHER, 2012, p. 307).

É importante ressaltar que, em se tratando do espaço escolar, a diversidade pode ser observada por diversos ângulos (LUNARDI-LAZZARIN; HERMES, 2015; FREITAS; MONTEIRO; CAMARGO, 2015; ROSSI; HEREDERO, 2010; FRANZIN et al., 2015, KASSAR, 2012). A quantidade de trabalhos publicados nos últimos anos sobre essa temática, torna a fala acerca da inclusão inquestionável. Entretanto, Souza (2011) defende que o debruçamento nessa temática ainda é raso: fica restrito a discursos politicamente corretos onde as diferenças são apenas naturalizadas.

Sabemos que as diferenças estão presentes na escola, segundo autores como Rios, Nuñez e Fernandes (2016) e conforme anuncia P1 ao defender que na escola temos todos os tipos de aluno, em uma diversidade que se mostra bastante ampla. O sujeito participante refletiu“(…) *não falo do diverso, da inclusão, né? De um aluno que seja especial, né? Que para mim, todo ser é igual, mas essa diversidade de uma sala de aula, que cada um é um (...)*” (P1).

A escola caracteriza-se como espaço de cruzamento de culturas e identidades. Faz-se importante, olhar para essa multiplicidade de maneira ampla, mas essa não é uma realidade encontrada nas escolas, conforme exemplo a seguir: “*Eu acho assim, que a gente está olhando um pouco mais, por enquanto, para as deficiências mesmo, né? Das especialidades de cada um. E, às vezes, a gente acaba deixando uma outra para trás, né?*” (P11).

Contudo, alguns discursos docentes evidenciam, além das deficiências e dos transtornos, os tempos de aprendizagem de cada educando: “*Tem gente que aprende de um jeito que a gente aprende de outro*”, trazendo à tona a necessidade do respeito para com essas especificidades e apontando alguns dos caminhos possíveis de serem trilhados nas aulas de ciências da natureza: (…)*a gente vai ter que saber lidar com isso dentro da sala de aula, né? Como? Você vai ter que observar, você vai ter que ver, você consegue enxergar aquele que precisa da sua atenção, que precisa do seu toque. Tem criança que aprende com o toque, tem criança pelo olhar, uma palavra diferente que você fala, né? Então aí você vai você vai, vai tendo aquela, aquela troca, né?*” (PS2)

E continuou, especificando ainda mais essas ações:

“*Então, a gente tem que ter (...)* um feeling, você tem que olhar e prestar atenção. Você tem que ser muito observador, né? Seja o toque, mesmo o toque que você dá numa criança ela já fala, “*Opa, ela está me vendo aqui, né?*”. Então, às vezes não precisa muita coisa. E se preocupar, se



preocupar com o olhar para criança, né? “Então aquela criança lá, tem que dar nisso? “Ah, então eu vou fazer uma coisa com mais imagem, com mais figuras.” (PS2)

Todavia, nem sempre as proposições docentes alcançam o sucesso, haja vista que as identidades e a cultura dos discentes não somente compõem o processo de ensino e aprendizagem, mas podem realizar interferências inesperadas e indesejadas, como aquelas descritas por um dos PCPs

“(…) uma vez aconteceu uma coisa na escola, não sei, mas era uma professora de ciências. Eu não sei se era com o oitavo ou nono que chegou naquela parte sexual que tinha de falar com os alunos. E a professora foi explicando, no outro dia, vem um pai na escola, ele vem ele falou assim: “Olha, eu (...) a minha filha teve aula com a professora de ciências e eu não gostei da aula porque ela chegou falando tudo sobre. ” Falei: “Mas, tá na programação da professora, do conteúdo. Tem que ser passada. ” – “Mas eu não gostei, ela não está na idade para aprender. ” E eu não sei se era oitava ou nono, mas estava na idade de aprender. O pai tirou da escola (...). Tem uma menina que tinha um (...) para prestar um vestibulinho na escola particular, uma coisa assim. Parece que foi de sábado e a menina não foi porque a mãe dela não deixou porque ela era de uma igreja que não pode fazer nada de sábado. Ela falou para mim: “Dona PCP 1, vai ter um problema se for no sábado ou domingo, não vou poder fazer.” (PCP1)

Então, partir da premissa da igualdade de oportunidades como mecanismo de favorecimento de ações que contemplam a diversidade de maneira efetiva pode ser uma grande armadilha, conforme postulado por este e por outro PCP que afirmou que

“(…) a gente tem que respeitar, mas a diversidade acontecer dentro de uma sala de aula e você não promover exatamente a igualdade de condições, aí ela, aí ela se torna prejudicial” (PCP5).

Alguns estudos reforçam a importância de ações que poderão favorecer ou não as questões inclusivas e considerar a diversidade no contexto educacional. Camargo, Monteiro e Freitas (2016) acreditam que a escola tem buscado dar conta de ofertar uma educação de qualidade para todos. O educador tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. Logo, precisamos nos livrar de algumas amarras ligadas à coisificação e a (des)subjetivação (SOUZA, 2011) dos alunos, pois, para além da exclusão, entendemos que o processo de inclusão marginal (PATTO, 2008) também é uma barreira quando se trata de uma educação de qualidade pensada e estruturada para todos.

Considerações finais

Assim como Candau (2008), acreditamos que a atuação das escolas mostra-se bastante desafiada pela necessidade de promoção de situações e vivências que objetivem a nossa projeção no lugar do outro com vistas a romper com posturas e posicionamentos hegemônicos: é preciso superar os estereótipos e visões estigmatizadas para que possamos garantir o pertencimento efetivo da diversidade no processo de escolarização. Alguns trabalhos, na mesma perspectiva deste, têm se dedicado a entender como tem sido a atuação docente em ações que considerem os alunos como sujeitos com trajetórias heterogêneas. Gomes (2010) discute que o direito à educação das diferenças, que compõem a diversidade, tende a ser negligenciado. Assim, é preciso observar que, embora as instituições escolares trabalhem com proposições variadas e múltiplas, com vistas ao atendimento pleno das especificidades trazidas pelos educandos, percebem-se ainda, pontos sem nós, inclusive em decorrência do formato que é dado à educação escolar, sobretudo no trabalho realizado por



professores e PCPs ligados à responsabilidade pelo componente curricular de Ciências da Natureza, foco desta pesquisa.

Muito ainda há para desenvolver sobre as questões multiculturais no contexto escolar, contudo, partir das concepções que circulam entre professores e gestores, abordando a temática diversidade, e como se desdobram em aspectos formativos e nas práticas pedagógicas, são elementos emergentes. O contexto da área de ciências da natureza, entre outros aspectos, pode contribuir com conteúdos e potencialidades que ainda precisam ser exploradas. Está aberta a discussão!

Referências

Referências em formato ABNT, Times 12, justificado, 0pt antes, 6pt depois

CAMARGO, E. A. A.; MONTEIRO, M. I. B; FREITAS, A. P. Trabalho docente no contexto da inclusão: formação continuada com enfoque colaborativo. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21, n. 1, p. 45-57, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/2891/2239>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CANAU, V. M. F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**, v. 2, p. 13-37, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1947626/mod_resource/content/1/Texto%203.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CANAU, V. M. F. et al. **Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as)**. São Paulo: Cortez, 2013.

COVATTI, F. A. A.; FISCHER, J. Reflexões sobre a avaliação da aprendizagem: diversidade e inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 43, p. 305-317, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4085/3822>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DIAS, R. F. **Percepções de professores e coordenadores pedagógicos acerca da formação continuada, do ensino de ciências e da diversidade**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de São Carlos, Araras, p. 148, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/16333/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20RODOLFO%20FAITA%20DIAS%20-%20VERS%C3%83O%20FINAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FERREIRA, W. B. O conceito de diversidade na BNCC-relações de poder e interesses ocultos. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 17, p. 299-319, 2015. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/582/656>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FRANZIN, S. M. et al. Formação de professores de Ciências Biológicas e a preocupação com as necessidades específicas na sala de aula. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 51, p. 91-99, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3131/313132931008.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2021.

FREITAS, A. P.; MONTEIRO, M. I. B.; CAMARGO, E. A. A. Contradições no/do cotidiano escolar: professores e alunos com deficiência diante do ensino na diversidade. **Horizontes**, v. 33,



n. 2, p. 27-36, 2015. Disponível em:

<<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/245/91>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. In: **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. 2005.

GOMES, N. L. Trabalho, educação e diversidade: um longo trabalho pela frente. **Retratos da Escola**, v. 4, n. 6, p. 143-155, 2010. Disponível em:

<<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/74/66>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GONÇALVES, G. B. B. A diversidade na escola e as novas demandas para o trabalho docente. **Educação**, v. 38, n. 3, p. 565-575, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1171/117128364009.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

KASSAR, M. C. M. Educação especial no Brasil: desigualdades e desafios no reconhecimento da diversidade. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 833-849, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/9GqQTbYV8QjfVWpqjdyFHDP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LIMA, V. M. M. A complexidade da docência nos anos iniciais na escola pública. **Nuances: estudos sobre educação**, v. 22, n. 23, p. 148-166, 2012. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1767/1701>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** (Reimpressão). São Paulo: Grupo Editora Nacional, 2012.

LUNARDI-LAZZARIN, M. L.; HERMES, S. T. Educação Especial, Educação Inclusiva e Pedagogia da Diversidade: Celebrar a diversidade! Exaltar a tolerância! Notabilizar o respeito! Proclamar a solidariedade!. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 53, p. 531-544, 2015.

Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3131/313141512003.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MAZZOTTI, A. J. A. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 77, p. 53-61, 1991. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208725>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PATTO, M. H. S. Políticas atuais de inclusão escolar: Reflexão a partir de um recorte conceitual. In: Bueno, J.G.S.; Mendes, G.M.L.; Santos, R.A. **Deficiência e escolarização**: novas perspectivas de análise. Araraquara: Junqueira e Marin, 2008, p. 25-42.

RIOS, J. A. V. P.; NUÑEZ, J. M. L.; FERNANDEZ, O. F. R. L. Diversidade na educação básica: Políticas de sentido sobre a formação docente. **Revista da FAEEBA**, v. 25, n. 45, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/2288/1594>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ROSA-SILVA, P. O.; JÚNIOR, A.L.; LABURÚ, C. E. Análise das reflexões da professora de ciências sobre a sua relação com os alunos e implicações para a prática educativa. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 12, n. 1, p. 63-63, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epec/a/gnmsyFZThxtGTqMykVnHLZz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ROSSI, C. R.; HEREDERO, E. S. Caminhos da inclusão percorridos pelo Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, n. 1, p. 21-33, 2010. Disponível em:



<<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3489/3260>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SCHUCHTER, T. M.; CARVALHO, J. M. Problematizando os conceitos de diversidade e identidade: os documentos da Secadi e as implicações para o currículo. **Espaço do Currículo**, v. 9, n. 3, p. 519-529, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.v9i3.31690/16910>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SOUZA, M. I. **Sociedade da diversidade e a demanda por subjetividades inclusivas: a necessidade de resistir**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011. Disponível em:

<https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/21112011_162126_tese.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VILELA-RIBEIRO, E. B.; BENITE, A. M. C.; VILELA, E. B. Sala de aula e diversidade. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 45, p. 145-159, 2013. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/3131/313128573010.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2023.